

# História Intelectual de Mulheres Negras: um novo “território existencial” historiográfico

## *Black Women Intellectual History*

Giovana Xavier da Conceição\*

### RESUMO

Neste texto converso sobre a história intelectual de mulheres negras. Abordagem historiográfica e pedagógica fundamentada na perspectiva feminista negra de valorização das identidades, experiências e leituras de mundo de mulheres negras para construção de novos quadros teóricos, definidos a partir de nossos interesses como grupo. Inspirada pela historiadora Maria Beatriz Nascimento e por sua proposta de construção de um “território (novo) existencial e físico” para as subjetividades negras, abro diálogo sobre a importância que o conhecimento localizado – as “narrativas na primeira pessoa”, produzidas na sala de aula do curso Intelectuais Negras UFRJ por jovens negras, “primeiras da família a entrar na universidade”, representam para a formação de novas gerações de historiadoras e para estudo e produção de novas fontes documentais de uma história do pós-abolição no tempo presente. Destacam-se no texto debates sobre a construção de mulheres negras como sujeitas de conhecimento, a importância da autodefinição na pesquisa histórica, a conceituação de “intelectual negra” e a forja de uma agenda de pesquisa em história social feminista negra.

### ABSTRACT

In this text I talk about the intellectual history of black women. Historiographical and Pedagogic approach based on the black feminist perspective of valuing the identities, experiences and readings of the world of black women for the construction of new theoretical frameworks, defined based on our interests as a group. Inspired by the historian Maria Beatriz Nascimento and her proposal to build an “existential and physical (new) territory” for black subjectivities, I open a dialogue about the importance that localized knowledge – “first person narratives” – produced in the classroom of the course Intelectuais Negras UFRJ by young black women, “first in the family to enter university”, represent for the new historians generations and for the study and production of new documentary sources of a post-abolition history in the present time. The text highlights debates about the importance of self-definition in historical research, the concept of “black female intellectual” and the forging of a research agenda in black feminist social history that black women see themselves as subject of knowledge.

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. gixavier@yahoo.com.br

Palavras-chave: História Intelectual de Mulheres Negras; Narrativa na primeira pessoa; Jovens intelectuais negras; Novo território existencial historiográfico; Feminismo negro.

Keywords: Intellectual History of Black Women; First-person narrative; Young black female intellectuals; New historiographical existential territory; Black feminism.

---

Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros, então escrevo desse coletivo sobre e para essa coletivização. (Nascimento, 199?, p. 41)<sup>1</sup>

### “ESCREVENDO DE MIM”

Inspirada pelo pensamento da historiadora Maria Beatriz Nascimento e por sua proposta de construção de um “território (novo) existencial e físico” para as subjetividades negras, neste texto, que gosto de pensar como uma *escrita de mim*, converso sobre trajetos percorridos para produção teórica de uma história intelectual de mulheres negras. Abordagem historiográfica e pedagógica voltada à formação da consciência de novas gerações de historiadoras como sujeitas de conhecimento, assim como para estudo do pós-abolição no tempo presente. Ambos os movimentos ancorados em uma perspectiva feminista negra caracterizada pelos seguintes elementos: 1) A tomada de posição anunciada da pesquisadora no discurso historiográfico; 2) A definição da sala de aula como espaço de autoria e produção de conhecimento; 3) O trabalho com as metodologias feministas negras da contação de histórias e da narrativa na primeira pessoa; 4) A caracterização das histórias contadas por estudantes universitárias negras – como fontes documentais de uma história do pós-abolição no tempo presente (XAVIER, 2019; 2021).

Derivada de transformações democráticas como a chegada das ações afirmativas nas universidades públicas nas primeiras décadas do século XXI, esta história intelectual de mulheres negras é nutrida pela presença de novas sujeitas da ciência. Universitárias negras que ao expressarem suas subjetividades políticas impactam a produção acadêmica, criando novas demandas de conhecimento acerca do direito ao estudo de autoras negras: “ter contato com novas formas de pensar”, “conhecer as ideias feministas negras”, “entender mais

sobre a própria história”, “combater o silenciamento”, “ter o direito de escrever na primeira pessoa”, “ampliar a formação”, “preencher uma lacuna em minha formação”. São argumentos que se remetem às “experiências subjetivas autênticas” de mulheres negras (PARMAR, 2012, p. 50) e aos debates do ensino de história como um “lugar de fronteira” (PENNA; MONTEIRO, 2011), entre a história e a educação, o que, neste caso, em específico, faz com que método historiográfico e pedagógico estejam intersectados.

Inspirada por elas e pelas fontes documentais que como autoras produzem e que começam a ser trabalhadas dentro de uma história social feminista negra, minha intenção é abrir um canal de diálogo sobre a produção de teorias de conhecimento posicionadas, que partam da “potencialidade da individualização” de jovens intelectuais negras (NASCIMENTO, 199?, p. 419). Protagonistas de um pós-abolição “temporal, conceitual, espacial” (COOPER; HOLT; SCOTT, 2006, p. 43), e no qual se funda o estudo de suas identidades, memórias e experiências enquanto bisnetas, netas e filhas de mulheres negras. “Ancestrais” que em suas narrativas são adjetivadas com diferentes temporalidades históricas: “dos tempos da escravidão”, “do 13 de maio”, da “época de Vargas”.

## INTELECTUAL NEGRA: DESENHANDO UMA AUTODEFINIÇÃO

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das auto-definições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016, p. 102)

Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALEZ, 1984, p. 225)

A forja de uma carreira pela junção das identidades de acadêmica e ativista levou-me a tecer a autodefinição: historiadora social feminista negra. Uma identidade que se refere ao processo subjetivo de “territorialização”

(NASCIMENTO, p. 418). “A construção de um lugar para o meu eu” historiográfico por meio de uma agenda científica fundamentada nos interesses e reivindicações de mulheres negras enquanto grupo e nas seguintes perguntas: De que formas mulheres negras criam e organizam suas ideias? Quais são as características e ferramentas da sua tradição intelectual? Como estudar e validar cientificamente tal tradição na historiografia? Alinhada ao modelo interpretativo do “pensamento feminista negro” (COLLINS, 2019), meu interesse reside em iluminar características como a autenticidade, o talento e a criatividade de mulheres negras, desviando-me dos paradigmas hegemônicos da dor e da miséria para estudo da história deste grupo. Nesse contexto, o conceito de intelectual negra de bell hooks mostrou-se central desde 2014, ano de criação do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras UFRJ. Refletindo sobre os desafios postos ao exercício da intelectualidade em um contexto de desvalorização da mulheridade negra (hooks, 2019), a autora reflete:

É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. (hooks, 1995, p. 468)

Costurando pontos – educação, família, trabalho acadêmico, em contextos históricos distintos: escravidão, pós-emancipação, contemporaneidade, o que considero mais inspirador em sua proposta é a abertura de rotas de expansão à ideia de intelectual. Baseadas nas experiências de mulheres negras como grupo que historicamente oprimido precisou lançar mão da criatividade para manter-se de pé, tais rotas são delimitadas pela “vida intelectual”, “vivência na comunidade”, “união corpo, mente, espírito” como constituintes da intelectualidade feminina negra.

Alicerçada por suas direções cruzadas ao trabalho sistemático com história de mulheres negras brasileiras e afro-americanas em arquivos, salas de au-

la, ativismo, considero importante construir uma alternativa epistemológica ao paradigma eurocêntrico, por meio da qual a intelectualidade define-se pelas experiências brancas, masculinas e heteronormativas (XAVIER, 2021; 2020; 2015; 2019; 2017). Assim, compreendendo a importância das generalizações para produção científica, desenvolvo uma conceituação dinâmica de intelectual negra como **a mulher negra que pensa sobre suas experiências, organiza suas ideias e define sua realidade como sujeita da própria história. Uma condição ligada à subjetividade do corpo físico e da mente, que independe de diplomas ou de onde realiza seu trabalho.**

Esta autodefinição que comporta todas as integrantes de um grupo rompe com a “crença” de que apenas as mulheres negras instruídas são dignas de ser ouvidas, o que na sociedade brasileira, assentada nas desigualdades de gênero, raça e classe, é extremamente importante. No que se refere ao fazer historiográfico, tal autodefinição permite duplo movimento: reavaliar o papel de mulheres negras na história do Brasil e investigar as especificidades da sua intelectualidade, definindo ferramentas específicas para seu estudo. Foi este o percurso de Anne Caroline de Carvalho Nunes, que ao pesquisar o impacto do pensamento feminista negro em uma escola da rede privada de Niterói enfatizou o protagonismo intelectual de adolescentes – as “meninas negras” nas aulas de Sociologia e História:

Naquela aula tão esperada por Claudia e, também, por suas amigas, ela resolvera se abrir ... Tinha decidido que estava na hora de tornar pública a história que lhe havia tirado o sono semanas atrás. Nas aulas de Sociologia, ela sentia-se à vontade e deixava-se afetar. Acho que, também por poder compartilhar dos olhares de cumplicidade e sinais de aprovação de suas amigas – pelas discussões que ali se apresentavam. Naqueles momentos, todas elas – as meninas negras da sala – poderiam compartilhar histórias em comum. Vividas ao longo de suas trajetórias na escola. Ela dizia: Um dia, eu fui à coordenação revelar o que me angustiava há tempos: um caso de racismo entre colegas de classe e repetidamente incomodando a mim. Estava certa de que teria acolhimento, ouvidos e direcionamentos efetivos para a questão. Contava que, ao chegar à sala da coordenação, fosse ser bem recebida. Lembrava que uma colega de classe, que frequentava sua casa ao longo dos três anos de Ensino Médio, insistentemente dizia não gostar de seus cabelos. Eles não eram uma referência de beleza. Ao receber a denúncia, a responsável pedagógica disse-lhe: Ah! Que isso, Cláudia?! Deve ter sido uma

brincadeira mal interpretada...não vamos levar essa questão às vias do racismo... Afinal, nem negra você é! Você é moreninha”. Naquela aula tão esperada por Claudia e, também, por suas amigas, ela resolvera Claudia confiava a toda turma que, ao receber a devolução da imagem distorcida de si através daquela coordenadora, viu-se “sem chão”: Como não sou negra? E, voltando para casa indignada, perguntou à sua mãe sobre sua cor, depois ao seu professor no dia seguinte, quando ainda trazia a mesma angústia. Tal relato ocorreu após uma aula na qual a filósofa Grada Kilomba foi apresentada como referência de intelectual negra contemporânea. Esse momento foi muito comemorado, especialmente pelas meninas negras da sala, que se referiram à pensadora como “bonita” e uma “referência imponente”. (NUNES, 2020, p. 12-3)

Em um país no qual 63% das famílias lideradas por mulheres negras, que sustentam o país com seu trabalho, vivem abaixo da linha da pobreza (NO BRASIL, 2019), validar a intelectualidade de tais sujeitas é uma forma de reparar desigualdades e restituir humanidades negadas. Uma expansão do conceito de intelectual promovida através do trabalho com conceitos, métodos e teorias feministas negras que permitem iluminar as visões de mundo, estratégias, modos de pensar e produzir de mulheres negras das classes trabalhadoras. Se nos anos 1980, a história vista de baixo foi revolucionária, no século XXI, a grande virada encontra-se na história feita e contada de baixo: “o lixo vai falar e numa boa” (GONZALEZ, 1984).

## EU INTELLECTUAL NEGRA: NARRATIVA NA PRIMEIRA PESSOA E MÉTODO FEMINISTA NEGRO HISTORIOGRÁFICO<sup>2</sup>

Meu maior sonho era ser estudante de História na UFRJ. Eu consegui realizar meu sonho, mas para vivê-lo todos os dias eu preciso sentir dor, pois de várias formas sou informada que este espaço não é para mim.<sup>3</sup>

Compartilhado na sala de aula, o pensamento, ao mesmo tempo belo e doloroso, de uma graduanda em História, resume os desafios vivenciados por jovens intelectuais negras para construção de suas identidades acadêmicas. À sua reflexão somam-se infinitos relatos estudantis de situações de preconceito e constrangimento intelectual vividas na universidade, especialmente na sala de aula: “Você está muito longe do que a universidade exige”; “Se não fala

pelo menos três idiomas melhor trancar a matrícula”; “Aqui não temos tambor”. Acompanhando as consequências de traumas e feridas geradas por este eixo de opressões específicas (CRENSHAW, 1991) e conectando tais observações às minhas próprias experiências acadêmicas como mulher negra, passei a criar métodos de trabalho que encorajem jovens negras a se reconhecerem como agentes de conhecimento, apropriando-se do território científico por meio de uma cultura acadêmica com a qual se identifiquem. Uma das primeiras ferramentas que desenvolvi para atingir este objetivo na sala de aula foi a “narrativa na primeira pessoa”.

Fundamentada no diálogo com textos feministas negros, trata-se de uma metodologia historiográfica de escrita, que ao se basear no uso do pronome *eu* contribui para o processo de construção do sujeito político intelectual negra no discurso historiográfico. Como se vê na narrativa de Mylena Meneses. Historiadora em formação que, para autodefinir a intelectualidade negra, articula identidade, história pessoal e produção de conhecimento historiográfico:

É com certa dificuldade que escrevo esse trabalho. Não pelos mesmos motivos dos outros trabalhos acadêmicos, que me obrigam a dominar conteúdo, linguagem, regras e normas que não são familiares e práticos a mim. A dificuldade, presente aqui, é a do desconforto causado por uma reflexão proposta que diverge de tudo que havia aprendido. Intelectual? Negra intelectual? Uma mulher, negra, pobre, criada sozinha – na maior parte do tempo – por uma sergipana em uma favela do Rio de Janeiro, seria capaz de ocupar tal lugar? (...) Em suma, durante o curso Intelectuais Negras, tenho tido a oportunidade de ler autoras que me inspiram e me auxiliam na minha construção acadêmica. Por meio dessas leituras, percebo que, embora tenhamos que dominar todo “tradicional” acadêmico para, partindo daí, produzir esse outro tipo de epistemologia – construída por intelectuais negras –, essa possibilidade existe e está ao meu alcance. Antes de ter contato com esses trabalhos, não conseguia me sentir pertencente ao meio acadêmico – pois não tinha exemplos suficientes para me enxergar no papel de sujeito de conhecimento –, dessa forma, não era capaz de reconhecer o conhecimento que eu ambicionava produzir como conhecimento científico – pois a epistemologia que tinham me apresentado até então, divergia disso. Ainda, através dessas ilustres mulheres venho conseguindo fazer essa ponte e me enxergar enquanto uma intelectual negra. (MENESES, 2020)

Bisnetas, netas, filhas de mulheres negras “do passado”, “dos tempos da escravidão”, “da época da Lei Áurea”, “do período Vargas”, jovens como Mylena conectam passado e presente, levando para o espaço acadêmico expressões temporais que aprendem em lugares distintos que integram as suas histórias pessoais e acadêmicas. A casa: local de produção de saberes e de formação intelectual em família, e a universidade: espaço de treinamento acadêmico por meio do qual acessam a produção científica e ativista de autoras negras em aulas, grupos de pesquisa, movimentos estudantis negros. Como narrado por Ana Luísa Costa de Farias:

Conhecer tantas mulheres negras incríveis – alunas, convidadas e professora –, com tantas histórias e vivências é transformador e me dá forças para continuar nesse caminho que muitas vezes é nebuloso e assustador. Além disso, tive a honra de entrar em contato com autoras negras, seja por textos ou vídeos, que dificilmente os professores brancos, renomados da academia sequer citariam em suas aulas, assim como, possivelmente, fariam também as professoras brancas. Feliz por ter tido essa oportunidade. Que a transformação de me entender como uma intelectual continue sendo construtiva e que eu possa usar esse direito para não só valorizar minhas produções, como também incentivar outras mulheres negras a construir essa consciência e a falarem em primeira pessoa sobre seus passos. Não posso deixar de falar também das primeiras mulheres negras com quem tive contato na vida, mulheres negras que me antecederam e que me deram todo apoio, afeto e suporte para que eu alcançasse tantos feitos: minha avó Dona Alaíde, minha mãe Vanda, minha tia Janete e minha prima Giseli. Mulheres negras que me educaram e foram desde sempre minhas maiores incentivadoras, apoiadoras e educadoras; transmissoras de saberes e aprendizados que nem a escola e nem academia podem me transmitir. (FARIAS, 2020)

Retomando, sob a perspectiva feminista negra, a pergunta clássica de Marc Bloch, “Para que serve a história?”, feita também por Beatriz Nascimento, o texto da licencianda em História constitui-se em um documento do pós-abolição do tempo presente. Com uma narrativa assentada na ideia de “restituição das humanidades negadas”, a jovem expressa novas reivindicações de conhecimento historiográfico, relacionadas ao direito de mulheres negras valorizarem suas “próprias produções” e “falarem na primeira pessoa sobre seus passos”.

Este trabalho intelectual de cruzar referências distintas para construção de novas subjetividades políticas para mulheres negras demarca um processo em andamento. O de construção de novas abordagens e formas de se relacionar com a história a partir da aproximação, em vez do distanciamento, entre um suposto sujeito neutro e um objeto estático, e da enunciação dos interesses de quem pesquisa. Uma história “contaminada pela condição de mulher negra” e que se dá por meio da narrativa na primeira pessoa como método para estudo das trajetórias pessoais, familiares e para o crescimento pessoal durante a formação acadêmica. Em diálogo com Conceição Evaristo, esta “escrita contaminada” pode ser pensada como uma “escrevivência historiográfica”, baseada no conhecimento posicionado, conforme assinala Júlia Costa:

Ter a oportunidade de estudar temas importantes a partir do pensamento de mulheres negras dentro de uma universidade estruturalmente racista, colonial e patriarcal foi um marco na minha vida. Pela primeira vez desde que entrei na universidade pude ocupar um espaço onde eu não era minoria, onde a minha voz era ouvida, onde eu conseguia falar sem medo. Através dos pensamentos delas pude encontrar a intelectual e a professora que eu desejo ser, pude encontrar a coragem para transgredir as estruturas racistas e patriarcais da universidade, e ocupar o lugar que me pertence. Assim sendo, concluo dizendo mais uma vez: aqui nasce uma intelectual negra, e a esse curso eu só tenho a agradecer. (COSTA, 2020a)

Escrita na primeira pessoa, a narrativa acima permite observar as articulações entre identidade, memória e experiência que a estudante de história empreende para tecer sua autodefinição enquanto intelectual negra. Demarcada, a seu ver, pela conquista do direito de ter a “voz ouvida”, “falar sem medo” e assim “encontrar a intelectual e professora” que deseja ser. Esse movimento de olhar para si através da “escrevivência historiográfica” é uma característica marcante no pensamento de universitárias negras com as quais trabalho. E que as conecta a uma agenda feminista negra global, na qual “pensamentos íntimos” (COLLINS, 2019, p. 181) representam um recurso à formação de uma “consciência feminina negra” que tanto suporta quanto transcende os limites da opressão “das estruturas racistas e patriarcais”, como conceitua a futura historiadora Júlia.

É um grande desafio para mulheres de todos os grupos raciais dedicar-se

à produção teórica no mundo acadêmico, organizado sob a premissa que teoria é assunto masculino e branco. Ao levar em conta os eixos de opressão específicas de raça, gênero e classe (CRENSHAW, 1991), tal desafio é ainda maior para mulheres negras. Grupo que historicamente subalternizado é afetado pela “pobreza e inadequação de conceitos e métodos” para estudo de sua história (DILL, 1987). Essa realidade tem exigido do feminismo negro fortalecer o compromisso com a produção de novos quadros teóricos para investigar mulheres negras, suas atitudes, valores e complexidades como sujeitas históricas. Na próxima seção, veremos como este compromisso começa a ganhar forma na sala de aula da graduação em História.

#### INTELECTUAIS NEGRAS: A ARTE DE COMPLETAR HISTÓRIAS INCOMPLETAS

Estar numa disciplina com a maioria de colegas negros, lendo e ouvindo mulheres negras, e trocando conhecimentos com uma professora negra é o que me dá forças para continuar seguindo esse caminho. Agora posso afirmar que me vejo no doutorado algum dia, e que desejo ser professora da UFRJ também. Busco levar essa expectativa e entusiasmo para a minha comunidade, para que as minhas crianças acreditem que também podem, e que a universidade pública pertencente a elas tanto quanto a mim agora. (COSTA, 2020b)

Júlia Costa tem trilhado uma emblemática jornada de autoconhecimento através da pesquisa de sua história familiar. Em uma de nossas aulas, conversávamos sobre o desafio de validar conhecimentos feministas negros para estudo da história do Brasil. Assumindo a posse da palavra, **ela conta à turma** que ao assumir o recente lugar de “historiadora da família” (junto com o tio, que também é historiador), passou a ter “mais curiosidade sobre seu tataravô”. O Senhor Manoel Caetano Madeira, fundador da “Festa para São Pedro”. Tradição familiar há 105 anos, a celebração tem como auge o acender de uma “fogueira”, que “só recentemente” **ela descobriu** ser “dedicada a Xangô” (COSTA, 2020/2).

Enquanto ouvimos Júlia narrar **na primeira pessoa**, ficamos encantadas

tanto pela existência quanto pela preservação de sua história ao longo do tempo. Ficamos também pensativas, pois a autora define aquilo que escolhe nos contar pela incompletude. Afirma ela: “Madeira é o sobrenome senhorial de meu tataravô. Isso eu já sei. O que **quero descobrir** é a **história incompleta** de minha família. Um desejo que se remete a discussões importantes, com pouca entrada na historiografia, como, por exemplo, a influência da pesquisadora na análise e o contexto da descoberta de seu tema de pesquisa: a sala de aula. Mesmo lugar no qual Júlia revela seu desejo de estudar o “sincretismo religioso”, pois “a imagem da festa da família Madeira permanece vinculada ao catolicismo”. O que, segundo ela, contribui para manter o público, que composto de pessoas “em situação de vulnerabilidade”, conhecem pouco sobre “religiões de matriz africana”.

Inspirada pela amiga Júlia, é a vez de Ana Gabriella dos Santos de Lima **tomar para si a palavra**. *Professora, eu posso falar?* Aparentemente natural, sua pergunta instiga a pensar sobre a redistribuição do conhecimento, posicionando mulheres negras no centro da análise, da fala e da escuta. Sentindo-se pronta para falar, Gabriella “transforma a linguagem do silêncio em ação” compartilhando sua história: **descobri recentemente** que meu avô só conseguiu abrir seu terreiro porque uma entidade falou para ele jogar no bicho”. Conselho seguido, terreiro erguido. Tal qual Júlia, a partilha da história de nossa segunda autora ocorre na sala de aula virtual do Instituto de História da UFRJ. Espaço no qual a jovem divide a decisão de escrever a monografia “sobre sua **história familiar**” (LIMA, 2020/2). Um anúncio que pode ser pensado como um “ato de revelação”: “É claro que tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo” (LORDE, 2019, p. 53).

Histórias como as de Júlia e Ana Gabriella são exemplos de questionamento à regra de afastamento sujeito e objeto, perpetrada pelo paradigma dominante. As narrativas na primeira pessoa que produzem levam a pensar como suas experiências familiares impactam o relacionamento com a formação enquanto historiadoras. Formação esta entendida por ambas como uma oportunidade de crescimento intelectual que as encoraja a estudar suas histórias familiares dentro da história do Brasil.

Praticar a arte da escuta destas narrativas possibilita desenhar um quadro teórico em história intelectual de mulheres negras, identificando temas-chave:

a autodefinição de trabalhadoras, o investimento na educação de filhas e netas como um projeto de “mudança de vida”, a importância da ancestralidade, a organização de arquivos familiares, os modelos raciais e de gênero, as concepções de família e maternidade.

Marcada pelo investimento de criar novas definições de mulheres negras por mulheres negras, essa nova agenda historiográfica desenvolve-se a partir da escrita acadêmica, baseada na seletividade da memória e nos conhecimentos científicos que produzem como ferramentas feministas negras. Um caminho que permite analisar a complexidade das suas ideias de uma forma acessível, que desafia as ideias das elites cultas e o “papel da teoria na manutenção das hierarquias de privilégio” (COLLINS, 2019, p. 16). Na seção final, comentário o potencial da história intelectual de mulheres negras para a difusão de conhecimentos democráticos dentro e fora da universidade.

#### PALAVRAS FINAIS DE UM “FLORESCER” HISTORIOGRÁFICO

Aquelas entre nós que estão fora do círculo do que a sociedade julga como mulheres aceitáveis; aquelas de nós forjadas nos cadinhos da diferença – aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas – sabem que *a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica*. É aprender a estar só, a ser impopular e às vezes hostilizada, e a unir forças com outras que também se identifiquem como estando fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que todas possamos florescer. *Pois as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande*. Elas podem possibilitar que os vençamos em seu próprio jogo durante certo tempo, mas nunca permitirão que provoquemos uma mudança autêntica. E isso só é ameaçador para aquelas mulheres que ainda consideram a casa-grande como sua única fonte de apoio. (LORDE, 2019, p. 137)

Fevereiro de 2021.

Prestes a concluir o curso de Didática Especial de História II, Ana Luísa da Costa e Roberta Souza avaliam, em nosso último encontro, seus trajetos na graduação. Prestes a terminá-lo, as duas jovens negras reiteram “o quanto foi importante entrarem na UFRJ em 2018, e terem cursado juntas, no primeiro período, a disciplina Intelectuais Negras”. E reforçam também a relevância política de estarem terminando seu ciclo “na mais antiga universida-

de do Brasil”, cursando, “com a mesma professora doutora negra”, uma segunda disciplina, que objetiva “ensinar a história do Brasil sob o ponto de vista de mulheres negras”.

Na reta final desse importante ciclo de suas vidas, Ana e Roberta, duas jovens intelectuais negras, fizeram-me “juntar pedaços” de meu mosaico (ALVES, 2021). A história da disciplina Intelectuais Negras, o trabalho na Prática de Ensino de História e a formação, nessas salas de aula, de uma comunidade científica. Integrada por professora, estudantes, familiares, ativistas que compartilham o objetivo de “conhecer o pensamento de mulheres negras” e “aprender novas formas de estudar a história do Brasil”. Um percurso com vistas a “mudanças autênticas” (LORDE, 2019) que viabilizam o estudo de mulheres negras como autoras, intelectuais, pensadoras, em contraponto aos pressupostos de objetificação e inferioridade, naturalizados na sociedade brasileira.

Nesse contexto, desenhar uma história intelectual de mulheres negras relaciona-se ao trabalho de produção de alternativas epistemológicas que possibilitam expandir as formas de ver, interpretar e pesquisar a história de grupos subalternizados. Em se tratando de uma abordagem historiográfica praticada dentro e fora da universidade, sua difusão tem aberto espaço tanto para novas agendas e subjetividades no discurso historiográfico quanto para garantir à população o direito de conhecer pontos de vista de diferentes grupos acerca da formação de identidades individuais, coletivas, nacionais.

O que culmina em resultados diversificados: produção de fontes, metodologias de escrita e recolhimento de histórias; organização de arquivos. Tudo isso em um contexto singular: a sala de aula universitária. Protagonizada por estudantes negras entre 19 e 24 anos que ao discutirem temas clássicos como ativismo, trabalho, geração, memória familiar abrem novos caminhos para se chegar ao pós-abolição. Caminhos estes baseados na ênfase nas dimensões passado-presente da história, na valorização da intelectualidade de mulheres negras de diferentes gerações e na formação da consciência de jovens das classes trabalhadoras como sujeitas de conhecimento.

Em diferentes universidades públicas brasileiras, intelectuais negras em formação seguem conduzindo investigações sobre histórias e memórias de bisavós, avós, mães, tias, irmãs, vizinhas, desenhando, a várias mãos, uma genealogia do pensamento de mulheres negras brasileiras. São essas as histórias de Ana Gabriella, Ana Luísa, Júlia e Roberta. Historiadoras em formação que

movem-se além da dor, realizando, na universidade pública, dois sonhos: conhecer mais “a história de suas ancestrais” e protagonizar uma ciência historiográfica como pesquisadoras e parte da matéria pesquisada. “Esse território, na verdade, é caminho percorrido e a percorrer” (Nascimento, 199?, p. 414).

## FONTES HISTÓRICAS

COSTA, Júlia Madeira Gomes da. Como o curso Intelectuais Negras me ajudou a me projetar como uma intelectual negra? Narrativa na primeira pessoa, Curso Intelectuais Negras, UFRJ, 2020a, Período Letivo Emergencial.

COSTA, Júlia Madeira Gomes da. Eu Intelectual Negra. Narrativa na primeira pessoa, Curso Intelectuais Negras, UFRJ, 2020b, Período Letivo Emergencial.

COSTA, Júlia Madeira Gomes da. Narrativa oral na disciplina Relações Étnico Raciais e Direitos Humanos, 2021, 2020/2.

FARIAS, Ana Luísa Costa de. Eu Intelectual Negra. Narrativa na primeira pessoa, Curso Intelectuais Negras, UFRJ, 2020, Período Letivo Emergencial.

FARIAS, Ana Luísa Costa de. Narrativa oral na disciplina Prática de Ensino de História, UFRJ, 2020/1.

LIMA, Ana Gabriella dos Santos de. Narrativa oral na disciplina Relações Étnico Raciais e Direitos Humanos, 2021, 2020/2.

MENESES, Mylena Neri Kethlen Meneses. Eu Intelectual Negra. Narrativa na primeira pessoa, Curso Intelectuais Negras, UFRJ, 2020, Período Letivo Emergencial.

SOUZA, Roberta. Narrativa oral na disciplina Prática de Ensino de História, UFRJ, 2020/1.

XAVIER, Giovana. Como me tornei #dotorainspiração e o brinco de Ewá. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, e61683, 2021.

XAVIER, Giovana. Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando a própria história. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. *Juntar pedaços*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- NO BRASIL 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza. Carta Capital. 14 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.carta-capital.com.br/sociedade/no-brasil-63-das-casas-chefiadas-por-mulheres-negras-estao-abaixo-da-linha-da-pobreza/>. Acesso: 08 mai. 2021.
- CARVALHO, Anne Caroline Nunes de. *Como contar histórias que não são minhas? O protagonismo das meninas negras na escola privada*. 145f. História, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider wihin*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, Brasília v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- COOPER, F.; HOLT, T.; SCOTT, R. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color”. *Stanford Law Review*, Standford, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991.
- DILL, Bonnie Thornton. Bonie Dill. The Dialects of Black Womanhood. In: HARDING, Sandra. *Feminism and Methodology: Social Science Issues*. Bloomington and Indianapolis: Indiana Press University, 1987, p. 97-108.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n. 16, p. 193-210, 2015.
- hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- hooks, bell. *E não sou eu uma mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- hooks, bell; MCKINNON, Tanya. Sisterhood: Beyond Public and Private. *Signs: Feminist Theory and Practice*: The University of Chicago Press, v. 21, n. 4 (Summer), p. 814-829, 1996.
- hooks, bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas/ Dossiê Mulheres Negras*, Rio de Janeiro; Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.
- GONZALEZ, Lélia de Almeida. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande. In: *Irmã*

- outsider*: ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 135-139.
- LORDE, Audre. A transformação da linguagem do silêncio em ação. In: *Irmã outsider*: ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 51-55.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro; PENNA, Fernando de Araujo. Ensino de história: sabers em lugar de fronteira. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, 2011.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. “Por um território (Novo) existencial e físico”. In: *Beatriz Nascimento*: quilombola e intelectual. Diáspora Africana: Filhos da África, 2018, p. 413-432.
- PARMAR, Pratibha. “Feminismo negro: la política como articulación”. In: JABARDO, Mercedes (Ed.). *Feminismos Negros: Una Antología*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012, p. 245-267.
- SILVA, Ketle. Olhares interseccionais, narrativas e resistência: reflexões acerca de jovens negras e medidas socioeducativas. Exame de qualificação de Mestrado (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.
- SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Editora Thesaurus, 2010.
- XAVIER, Giovana. A “escrivência” do pós-abolição: histórias que não se apagam. *Nexo Jornal* [internet]. 11/05/2018. Disponível em: <https://cdn.nexojournal.com.br/content/escenic/esp/117440.html>. Acesso em: 02/11/2020.
- XAVIER, Giovana. Como me tornei historiadora e a vida entre livros e sala de aula. *Nexo Jornal*, São Paulo, 16/10/2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/profissoes/2017/10/16/Como-me-tornei-historiadora.-E-a-vida-entre-livros-e-salas-de-aula>. Acesso em: 07/11/2019.
- XAVIER, Giovana. Ciência de Mulheres Negras: um experimento de insubmissão. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 45, n. especial, p. 51-59, out. 2021.
- XAVIER, Giovana. Grupo Intelectuais Negras UFRJ: a invenção de uma comunidade científica e seus desafios [internet]. *Rev. Trabalho Necessário*. Niterói, 2021.
- XAVIER, Giovana (Org.). *Intelectuais Negras Visíveis*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. Disponível em: [https://www.intelectuaisnegras.com/\\_files/ugd/43be3f\\_5d6c82f981ac4d6a9e8393c2608e93af.pdf](https://www.intelectuaisnegras.com/_files/ugd/43be3f_5d6c82f981ac4d6a9e8393c2608e93af.pdf).
- XAVIER, Giovana. Por uma cultura acadêmica da negra: o Encontro de Estudantes e Coletivos Negros Universitários na UFRJ. *Blogueiras Negras*, 07 jun. 2016. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/por-uma-cultura-academica-da-negra-da-o-encontro-nacional-de-estudantes-negros-e-coletivos-universitarios-na-ufrj/>.

## NOTAS

<sup>1</sup> De acordo com pesquisas feitas pela historiadora Raquel Barreto, o texto “Por um Território (Novo) existencial e físico” foi escrito por Maria Beatriz Nascimento entre 1992 e 1995 (Nascimento, 2018, p. 413).

<sup>2</sup> Todas as autoras estudantes citadas foram consultadas e autorizaram a menção de seus nomes na pesquisa e no presente artigo.

<sup>3</sup> Em alinhamento à ética feminista negra do cuidado, a identidade da autora estudante desta narrativa foi preservada.

---

Artigo submetido em 16 de setembro de 2021. Aprovado em 26 de janeiro de 2022.